

FRONTEIRAS DAS NAÇÕES: SENTIDOS E SITUAÇÕES NA RAIA LUSO-ESPAÑHOLA

*José Lindomar Albuquerque**

Resumo: O artigo aborda vários significados das fronteiras nacionais no mundo contemporâneo e algumas situações específicas ocorridas nos últimos anos na fronteira luso-espanhola. O objetivo do ensaio é questionar a homogeneidade e a fixidez do limite político, visto geralmente como a fronteira por excelência entre os Estados nacionais, e acentuar a heterogeneidade, multiplicidade, dinamismo, historicidade, assimetrias de poder e os paradoxos vivenciados em algumas situações de fronteiras.

Palavras chaves: Fronteiras. Nações. Situações. Sentidos. Dilemas.

Boundaries of nations: meanings and situations at the Portuguese-Spanish frontier

Abstract: The article discusses several meanings for national borders in the contemporary world and some specific situations taken place in last few years in the Portuguese-Spanish border. The aim of the paper is to challenge the homogeneity and fixity of the political limit, generally seen as the border *par excellence* between nation states, and highlight the diversity, multiplicity, dynamism, historicity, power asymmetries and paradoxes experienced in a few border situations.

Keywords: Borders. Nations. Situations. Senses. Dilemmas.

OBSERVAR OS LIMITES, PENSAR ENTRE FRONTEIRAS

Os limites dos territórios nacionais e os diversos rituais de controle e travessia de pessoas e mercadorias entre os Estados nacionais modernos são situações-limites importantes para se repensarem alguns conceitos consagrados nas Ciências Sociais. A vinculação entre nação e Estado na formação dos Estados modernos produziu comunidades ou sociedades nacionais que compartilham crenças e desejos bem fundados de um mundo social naturalmente dividido em nações, em que as próprias tradições de pensamento e da teoria social são nomeadas como matrizes nacionais. Nesse sentido, mencionam-se a escola sociológica francesa, o culturalismo norte-americano, a antropologia social britânica, o estruturalismo francês, o pensamento social brasileiro etc. Alguns dos conceitos que se operam para pensar a vida social também guardam muitas marcas de uma concepção nacional, tais como cultura nacional, sociedade brasileira, economia inglesa, população portuguesa etc. A tradição do pensamento das Ciências Sociais

* Unifesp

conserva uma raiz de centralidade da nação na maneira de pensar vários conceitos (NEIBURG, 1999). Além disso, os conceitos muitas vezes são pensados com base em centros de difusão e irradiação de sentidos e de espacialidades. Assim, pensa-se o Estado, a nação, a sociedade ou a comunidade sendo gestados em núcleos centrais ou grupos de elites que foram aos poucos se espalhando por determinados territórios.

A observação das zonas de fronteiras ou de contatos culturais e sociais, seja entre as nações, seja entre os diversos grupos sociais, possibilita a construção de um pensamento entre lugares e formas de pensar. As pesquisas sociológicas e antropológicas sobre realidades fronteiriças podem aguçar uma imaginação fronteiriça ou liminar, uma maneira diferente de perceber os conceitos consagrados das disciplinas e ampliar os interstícios da intuição e reflexão sobre os conceitos de Estado, nação, cultura, território, identidade. Um pensamento que visa pensar entre línguas, entre escalas de observação, tradições de conhecimento distintas, relações de poder diversas, entre conceitos e categorias mediadoras na aproximação de uma realidade fugidia e heterogênea. O estudo das fronteiras exige uma abertura para as fronteiras do próprio conhecimento. Um deslocamento do centro para as margens dos territórios e dos conceitos.

Embora alguns passos já tenham sido dados nessa direção por vários intelectuais por meio da formação dos conceitos de mestiçagem, hibridização, margem, fluxos, fronteiras etc. (BHABHA, 2010; CANCLINI, 2000; HANNERZ, 1997; DAS; POOLE, 2008), sabe-se que se trata de um campo teórico ainda extremamente minado e cheio de armadilhas políticas e teóricas que muitas vezes esbarram nas contradições da linguagem diária e nos essencialismos e purismos das lutas políticas. É difícil pensar de outra forma navegando em um oceano de linguagens e discursos políticos, religiosos, cotidianos e de consagração acadêmica que pensam em realidade e substâncias distintas e separadas.

Os limites entre os Estados nacionais são realidades bastantes essencializadas, naturalizadas pelas linguagens jurídicas, políticas e militares. Esses limites já foram nomeados de “fronteiras naturais” e visam demarcar e tornar visíveis os limites da soberania dos Estados modernos inscritos no território ou corpo da nação. Muitos moradores e transeuntes que vivem e transitam por esses territórios fronteiriços também chegam a perceber como naturais esses marcos que indicam o fim de uma nação e o começo de outra. Está-se diante de uma imaginação simbólica bem enraizada e visível, muitas vezes por meio de vários aparatos do Estado moderno (alfândega, polícia de fronteira, receita federal, posto de controle etc.) e dos diversos documentos emitidos e carimbados pelos Estados nacionais. Esses certificados, documentos pessoais, notas fiscais controlam a entrada e saída de pessoas e mercadorias em diversos lugares fronteiriços (portos, aeropor-

tos, fronteiras terrestres etc.) e naturalizam um conjunto de procedimentos burocráticos nos postos de controle dessas diversas fronteiras.

O Estado, além de deter o monopólio de emissão e controle de diversos documentos que permite o trânsito de pessoas e mercadorias, também é um produtor de conhecimento e de categorias de classificação das zonas e linhas fronteiriças. O estudioso das fronteiras nacionais precisa estar atento para não reproduzir a lógica de classificação das próprias instituições e dos agentes do Estado (BOURDIEU, 1997). Muitas vezes pesquisadores das áreas de geografia e de relações internacionais produzem e reproduzem categorias do Estado territorial, com demarcações claras e precisas entre os conceitos de limite, fronteira, zona e região de fronteira, integração fronteiriça e internacional. Por outro lado, há também as “categorias nativas” utilizadas pelas populações fronteiriças que nomeiam de distintas formas as fronteiras nacionais e as identidades fronteiriças: raia e raianos para a zona e os habitantes da fronteira luso-espanhola, fronteiriços, bayanos, brasileiros, mezclados para os moradores da fronteira do Uruguai com o Brasil (MOTA, 2012), brasiguaios para os brasileiros que vivem no Paraguai e que transitam de um lado e outro do limite político, entre outros termos. Se a geografia e os órgãos do próprio Estado estabelecem diferenças classificatórias precisas entre os termos limite, linha, divisa, marco, fronteira, zona, região de fronteiras, as populações fronteiriças, por sua vez, usam também esses termos muitas vezes como sinônimos, sem se preocupar com todas as diferenciações conceituais e técnicas que são relevantes do ponto de vista do próprio Estado.

Dessa forma, investigar as fronteiras nacionais pressupõe a problematização constante das formas de classificação estatal e do conhecimento da vida cotidiana, desnaturalizando essas formas de pensar e dialogando com os conceitos de fronteiras produzidos pelas diferentes ciências sociais. Pensar as fronteiras é refletir entre as formas de pensar e agir dos agentes do Estado, das populações fronteiriças, incluindo os diversos agentes dos mercados formais e informais, legais e ilegais, e os pesquisadores que investigam as fronteiras e que também constroem suas formas de classificação.

O diálogo estabelecido com pesquisadores da fronteira luso-espanhola e da Tríplice Fronteira entre o Brasil, Argentina e Paraguai ajudou a pensar os limites e as fronteiras nacionais de uma maneira mais complexa e heterogênea. Os contornos precisos dos limites das nações, representados nos mapas nacionais, se pulverizam em uma miríade de pontos, linhas, escalas de poder, imprecisões e disputas nos espaços reais de circulação e controle de pessoas e produtos entre os Estados nacionais.

A leitura desses diversos trabalhos aponta alguns aspectos comuns que podem ser observados em diferentes fronteiras nacionais, mas é necessário restringir a exemplos dessas realidades fronteiriças mais conhecidas.

Nesta perspectiva, destacam-se as noções de pluralidade, dinamismo, assimetrias, historicidade e paradoxo no estudo das fronteiras nacionais.

SENTIDOS DE FRONTEIRAS

As fronteiras são textos abertos. Lugares de vivências e de passagens inscritos nos territórios e nas mentes dos atores sociais, mas também são caminhos, cheios de sinuosos circuitos e controles variados. Fronteiras são relações sociais e representações coletivas, criações culturais e mentais (KANAVAGH, 1994), produtos dos processos históricos, da militarização dos Estados modernos e das disputas políticas que se naturalizam nas divisões territoriais e nos vários procedimentos burocráticos que experimentamos quando está se deslocando entre territórios administrativamente diferenciados. Fronteiras são limiares que indicam abertura e fechamento de horizontes, produção, reprodução e mudanças de sentidos por parte das populações fronteiriças, dos agentes dos governos e dos próprios investigadores que pesquisam as realidades fronteiriças.

Cada contexto social fronteiriço é produzido por meio de múltiplas fronteiras. As realidades fronteiriças, por um lado, são singulares, específicas entre os diferentes trechos de uma fronteira internacional entre dois ou mais países. As diferenças de ocupação populacional, econômica, política, cultural produzem essas expressivas singularidades. No caso da fronteira luso-espanhola, são notáveis as diferenças entre o Norte de Portugal e a Galícia e entre o Sul e a comunidade autônoma de Andaluzia.¹ Por outro lado, há algo de semelhante nas diversas áreas de um limite internacional com outro país. Por exemplo, o mesmo tipo de polícia de fronteira, as mesmas regras formais de fiscalização ou as construções de representações nacionais entre “nós” e “eles”. Dessa forma, os aspectos singulares e mais gerais presentes em cada situação de fronteira estudada condensam uma multiplicidade de fronteiras. O limite político e jurídico entre os Estados nacionais muitas vezes aparece com a fronteira por excelência. Costuma-se dizer “acabo de atravessar a fronteira entre Portugal e Espanha”, “vivo na fronteira entre Brasil e Paraguai”, “fui barrado na fronteira entre México e Estados Unidos” e assim por diante. Porém, os limites políticos são deriva-

¹ A raia ou fronteira territorial luso-espanhola tem uma extensão de 1.232 km desde Caminha-A Guarda, no Norte de Portugal e Galícia, até Vila Real de Santo António - Ayamonte, no sul dos dois países. Trata-se de uma fronteira internacional bastante antiga e estável, traçada em grande parte pelo tratado de Alcañices em 1297. O limite político atravessa distintas regiões de Portugal (Algarves, Alentejo, Beira Interior, Trás-os-Montes e Minho) e quatro comunidades autônomas da Espanha (Andaluzia, Extremadura, Castilla y León e Galícia). A região fronteiriça ou espaço interfronteiriço, zona que se estende de um lado e outro do limite internacional, compreende uma superfície de 138.923 km² e ocupa 23% do território da Península Ibérica (AMANTE, 2007, p.97). Toda essa ampla faixa fronteiriça é conhecida como raia e seus habitantes como raianos. A região raiana é formada principalmente por pequenos povoados e cidades. Atualmente é a região menos desenvolvida economicamente dos dois países ibéricos. Essas áreas fronteiriças passaram por despovoamento na segunda metade do século XX, especialmente a partir dos anos de 1960, devido às migrações para os centros industriais e para outros países.

dos e produzem outros diversos limites e fronteiras sociais e simbólicas.

Na fronteira entre Portugal e Espanha no sul da Península Ibérica, ocorre a configuração dos limites políticos entre os municípios de Vila Real de Santo António e Ayamonte. Entretanto, esse limite é atravessado por múltiplas fronteiras sociais entre os moradores dos vários bairros que compõem esses dois municípios, entre migrantes portugueses que vivem em Ayamonte e espanhóis que vivem em Vila Real ou, ainda, nos casamentos mistos e na dupla nacionalidade dos filhos. Pode-se citar também as diferenças sociais e culturais entre aqueles que vivem de um lado e que trabalham do outro lado, os que se deslocam para comer a comida do “outro” nas travessias de barco pelo rio ou pela ponte. Há inúmeras situações fronteiriças entre “nós” e “eles” no cotidiano do trabalho, comércio, lazer e relações afetivas nos dois municípios. Além disso, há ainda as lutas comuns que envolvem os processos de integração entre os dois países e as duas cidades e as aproximações culturais entre a região de Algarves e Andaluzia e o estabelecimento de diferenças com outras regiões desses países. Assim, existem múltiplas fronteiras políticas e sociais entre os dois municípios e suas diversas populações permanentes e em trânsito (VALCUENDE, 1998).

A fronteira política muitas vezes erguida e reificada coloca na sombra a diversidade de outras fronteiras. Frentes econômicas e militares podem funcionar como antecedentes importantes das demarcações políticas e jurídicas, mas também as delimitações políticas e o estabelecimento de fiscalização em um determinado passo do limite internacional podem produzir novas fronteiras econômicas e sociais em espaços vazios de ocupação humana. Além disso, aquilo que é nomeado como fronteira política, denominado como posto de controle fronteiriço, é também uma fronteira militar e econômica. Assim, as fronteiras são plurais tanto do ponto de vista do Estado, das lógicas dos mercados “legais” e “ilegais” e das populações que vivem, transitam e comercializam entre esses territórios nacionais.

Os diferentes grupos e classes sociais também vão perceber a fronteira política de maneira distinta, pois a fronteira reproduz e produz diferenças sociais nos seus rituais de passagem e de controle. Empresários e executivos de empresas transnacionais vão ter mais facilidade de trânsito em diversas fronteiras nacionais, várias se tornam inclusive inexistentes ou invisíveis. Por outro lado, imigrantes pobres de países africanos ou latino-americanos estão sendo amplamente barrados em diversas fronteiras nacionais, particularmente no contexto das fronteiras da União Europeia e dos Estados Unidos, mas também em muitos contextos nacionais no interior do próprio continente africano ou da América Latina (BALIBAR, 2005).

Assim, talvez a imagem do caleidoscópio seja uma metáfora importante para pensar a pluralidade de cores e formatos de uma dada realidade fronteiriça. Entretanto, esse caleidoscópio está inserido em um campo de forças, que muitas vezes concentra poder e imaginação simbólica em torno

das diferenças e identidades nacionais, das soberanias e dos monopólios e direitos de cidadania garantidos até os limites dos territórios nacionais.

As fronteiras nacionais são geralmente assimétricas, manifestam disputas e conflitos de várias ordens e dimensões, formas de dominação e subordinação entre Estados nacionais e populações locais ao longo do tempo. Há áreas de influências geopolíticas e culturais para além dos limites políticos, desigualdades entre grupos sociais e étnicos que vivem em territórios fronteiriços, além de diferenças de desenvolvimento entre municípios fronteiriços etc. Assim as diferentes escalas territoriais e de poder entram em sintonia, tensão e intersecção nas fronteiras assimétricas entre as nações.

A raia luso-espanhola manifesta muitas assimétricas de poder ao longo da história de formação dos Estados nacionais. Espanha geralmente foi vista pelos portugueses como um Estado dominante e em alguns contextos históricos com claras atitudes de domínio sobre todo o território estatal. Por exemplo, o período da União Ibérica (1580-1640) – nomeado pelos portugueses como dominação felipina – ou ainda tinha pretensões de anexação de territórios fronteiriços, como no caso do domínio sobre Olivença no início do século XIX na região entre Alentejo e Extremadura. Muitos historiadores portugueses afirmam que o nacionalismo português foi gestado principalmente por meio de um sentimento anti-castelhano e anti-espanhol. “A função da fronteira como elemento simbólico serviu para moldar um nacionalismo identitário que, no caso português, foi impregnado por uma radical significação anti-espanhola, em que a linha de partição imaginária se transformou em separação real.” (CAROU; GODINHO; PEREIRO, 2009, p. 15).

Em muitas situações fronteiriças contemporâneas, presencia-se a forte influência do espanhol na formação de dialetos fronteiriços em alguns municípios do lado português, como no pequeno município de Barrancos. Além de contextos em que os serviços de saúde são mais desenvolvidos e eficientes em municípios espanhóis e que os portugueses se deslocam para esses postos e hospitais do outro lado da fronteira.

O terceiro aspecto importante é o caráter dinâmico e histórico das fronteiras nacionais. Cada contexto fronteiriço está em permanente mudança e uma pesquisa realizada em tempos históricos distintos em um mesmo espaço de fronteira pode traduzir os sentidos dessas mudanças e os rearranjos dos agentes e forças políticas e econômicas que operam nesses contextos. As fronteiras simbolizam formas específicas de articulação entre o espaço e o tempo. As fronteiras são o tempo inscrito no espaço (FOUCHER, 2009), batalhas, conquistas, perdas territoriais, frentes de expansão, disputas diplomáticas marcadas no território e nas lembranças das gerações que se sucedem nessas zonas de choque e encontro com outras experiências nacionais.

Nessa perspectiva, as fronteiras são traduções das passagens do tempo e que podem ser estudadas com base em contextos históricos específicos, como os trabalhos que abordam a guerra civil espanhola, as ditaduras ibéri-

cas, as migrações fronteiriças no pós-segunda guerra mundial, os contrabandos nas décadas de 1930 e 1960 etc. (SIMÕES, 2007, 2009; GODINHO, 2009). Mas também as fronteiras podem ser estudadas com base na noção de longa duração, especialmente tendo em vista as análises dos processos de fronteirização dos Estados, dos mercados e das populações que se identificam como pertencentes a distintas nacionalidades (SAHLINS, 1989; GRIMSON, 2003; MEDINA, 2003; 2009). A história e as memórias de uma dada fronteira podem ainda ser investigadas a partir das narrativas e discursos contemporâneos efetivados em situações de conflito. Essas narrativas acionam conflitos e personagens importantes que marcaram as definições de fronteiras entre dois países, como no caso dos conflitos entre empresários brasileiros do setor sojeiro e os camponeses paraguaios. Os camponeses e outros setores descontentes com a presença significativa de brasileiros em território paraguaio acionam as imagens dos bandeirantes e da Guerra da Tríplice Aliança para classificar os atuais brasileiros e o significado dos conflitos fronteiriços atuais (ALBUQUERQUE, 2010).

Pode-se ainda acentuar a noção de que as fronteiras são sêmicas (RAFFESTIN, 1986), sinalizam sistemas e processos de comunicação. As fronteiras são realidades semióticas, repletas de signos, símbolos, sinais que orientam os limites, os controles, as passagens, os sentidos e direções dos movimentos. As placas nas rodovias, estradas e avenidas que atravessam as fronteiras internacionais sinalizam desde alguns quilômetros anteriores a aproximação da fronteira. Elas também estão bastante presentes no ambiente das alfândegas, indicando os lugares de passagem e de controle, os lugares de travessia de pedestres, carros, mercadorias etc. Nessas linhas de fronteira, são bastante corriqueiras as bandeiras nacionais hasteadas nos marcos fronteiriços, nas alfândegas, nos batalhões do exército ou da marinha ou nas próprias fardas das polícias fronteiriças. No caso da fronteira entre os municípios de Foz do Iguaçu (Brasil) e Puerto Iguazu (Argentina), as cores das bandeiras dos dois países estão pintadas nas margens da ponte internacional Tancredo Neves. Até a metade da ponte as cores da bandeira do Brasil, em seguida as cores da bandeira argentina. As bandeiras também são levantadas e os hinos nacionais cantados nos vários protestos fronteiriços envolvendo confrontos de interesses entre um país e outro, como nos vários cenários de “fechamento da fronteira” pelas populações locais para protestar contra alguma medida que prejudica o trânsito de pessoas e mercadorias (COSTA, 2011).

As fronteiras nacionais também delimitam, controlam ou permitem o trânsito de outras formas e processos de comunicação das sociedades contemporâneas. As ondas dos rádios e os sinais televisivos e dos celulares têm seus próprios raios de alcance nas zonas de contatos entre Estados nacionais. Em alguns contextos de fronteiras internacionais, esses controles dos sistemas de radares e sinais de satélites são bastante rígidos. Especialmente

em fronteiras bélicas entre países em confronto, sendo importante o controle da informação no território nacional para que os que vivem do outro lado da fronteira não sejam informados dos segredos de guerra. Em outros cenários de integração fronteiriça, esses sistemas de comunicação podem atingir distintos raios de atuação no território dos países vizinhos, como no caso das ondas dos rádios e dos sinais de televisão brasileira em território paraguaio (ALBUQUERQUE, 2010). Claro que esses raios de abrangência também traduzem as assimetrias de poder entre as nações. As televisões e as rádios dos países relativamente mais desenvolvidos em zona de fronteiras atingem um raio mais amplo no território vizinho do que as rádios e televisões dos países menos desenvolvidos.

Um último aspecto relevante é que as fronteiras são realidades paradoxais e ambivalentes. O que se gostaria de discutir aqui são os paradoxos mais específicos que podem ser pensados tendo como referência os limites do Estado nacional. Nessa perspectiva, os termos limite e fronteira não indicam somente diferenças e precisões conceituais. Os limites e as fronteiras traduzem um campo de forças entre Estados nacionais. O limite é a simbologia das forças centrípetas, que indicam a delimitação, a linha de fronteira que separa um interior e o exterior. Já a fronteira é a manifestação das forças centrífugas, uma zona que permite abertura e expansão em direção ao exterior (MACHADO, 1998). Esses dois termos indicam o fechamento e abertura, duplo sentido que pode ser condensado na metáfora da porta, uma realidade sensível e cotidiana que permite indicar um dentro/fora, interior/exterior, mas que também indica abertura e travessia (SIMMEL, 2001).

No projeto *o discurso geopolítico das fronteiras*, a fronteira é definida como “inerentemente ambígua, paradoxal e contraditória por natureza” (CAROU *et alli*, 2008, p.1). O fenômeno do contrabando na história da fronteira luso-espanhola pode ser significativo na compressão dos paradoxos da fronteira. As formas de fiscalização nos postos de controle geram, ao mesmo tempo, as alternativas, fugas e transgressões a esses controles de circulação de mercadorias. Assim o contrabando é constituinte das fronteiras, assim com as formas de controle (MEDINA, 2003). O contrabando adquire sentidos diferentes em distintos contextos de fronteira e em uma mesma fronteira ao longo do tempo. Há distinções de fluxos e tipos de mercadorias, de valorações e justificativas morais, de imprecisões entre o legal, o informal e o ilícito. Por exemplo, há diferenças significativas nos produtos, formas de circulação e de valoração moral entre o contrabando atual na fronteira entre Paraguai e Brasil, entre Marrocos e Espanha na fronteira da cidade de Ceuta e o contrabando histórico da década de 1970 e 1980 na raia luso-espanhola.

Na própria raia luso-espanhola, além das diferenças de produtos contrabandeados ao longo da raia, há distinções dos contrabandos efetivados por grupos sociais dominantes e aqueles feitos pelos setores populares,

muitas vezes visto como contrabandos de formiga (FREIRE; ROVISCO; FONSECA, 2009). Essas diferentes formas de contrabando variaram ao longo do tempo. Por exemplo, o contrabando do café na região de Campo Maior, fronteira entre o Alentejo e Extremadura, foi bastante distinto entre os anos de 1930 e 1970, quando o processo de torração do café já era feito em fábrica e o aspecto empresarial do contrabando já era muito mais visível na década de 1970 (CUNHA, 2006).

Mas as grandes diferenças realmente se tornaram mais acentuadas com o “fim dos postos de controle” das fronteiras nacionais com o ingresso desses países no Espaço Schengen em 1992. Com isso, houve o fim do contrabando tradicional, o outro lado da fronteira política. No contexto atual, a memória do contrabando se torna uma mercadoria e uma dádiva. Uma mercadoria vendida aos turistas nos atuais museus do contrabando e nas trilhas e rotas do contrabando espalhadas ao longo da raia (SILVA, 1999). Mas também uma dádiva, um símbolo de construção das narrativas heroicas dos audazes e aventureiros contrabandistas do passado que eram capazes de arriscar sua vida e fugir das armadilhas do controle do Estado. As narrativas dos tempos do contrabando, tão presentes no cotidiano dos velhos moradores das cidades fronteiriças, produzem identidade, status, honra e glória dos tempos idos e alimentam o vazio do tempo presente, em que as novas gerações não vivem mais da prática do contrabando tradicional. Essa transição de prática social cotidiana para o universo da memória e da institucionalização de museus pode ser referida por meio da metáfora de Jano, deus de duas faces, uma clara e outra escura apontando em direções distintas. Essas faces traduzem ao mesmo tempo o passado e o futuro na imagem paradoxal do presente: o contrabando era a face escura da fronteira-controle do passado, se tornou a face clara do presente das narrativas enfáticas dos tempos do contrabando e indica o futuro do turismo rural, especialmente por meio dos museus do contrabando, prática institucional presente que reelabora o passado em nome do futuro turístico.

Esses cinco aspectos aqui destacados não pretendem esgotar os inúmeros significados dessas realidades fronteiriças. Outras diversas características podem ser destacadas com base em outros universos de pesquisa em territórios fronteiriços. O que se gostaria de acentuar é somente a importância de pensar as fronteiras como realidades heterogêneas, estabelecendo as conexões desses vários aspectos e outros não mencionados. As fronteiras múltiplas são fenômenos históricos, dinâmicos, sêmicos, muitas vezes assimétricos, campos de força que traduzem paradoxos e ambivalências, que também podem ser encontrados em tantas outras realidades empíricas desse mundo contemporâneo.

O que se gostaria de analisar agora são algumas situações de fronteira ocorridas em diferentes lugares e em períodos recentes na fronteira entre Portugal e Espanha. Essas situações são eventos singulares que permitem

acionar diferentes sentidos de fronteiras e problematizar o uso de definições e classificações rígidas em relação aos estudos das fronteiras nacionais.

SITUAÇÕES DE FRONTEIRAS

Em março de 2010, o Serviço de Atendimento Permanente (SAP) de saúde do município de Valença do Minho, Norte de Portugal e fronteira com a Galícia (Espanha), foi encerrado por ordem da Ministra da Saúde de Portugal. A cidade mais próxima é a vizinha Tuí, em território espanhol. Já a cidade portuguesa mais próxima, Monção, fica cerca de 20 km de Valença de Minho. O governo local de Tuí permitiu que os valencianos fossem atendidos no sistema de saúde público desse município espanhol. Uma das formas de protesto da população de Valença de Minho foi hastejar na fortaleza da cidade, nas residências e nos pontos comerciais várias bandeiras espanholas. Esse inusitado protesto visava tanto agradecer à hospitalidade dos espanhóis ao permitir esse atendimento emergencial em sua cidade, mas também questionar a política centralizadora do governo português que estava abandonando essas áreas mais distantes e periféricas do território nacional.

Esse uso simbólico da bandeira espanhola gerou reações de todos os tipos, desde a acusação de um protesto antipatriótico, de que essa população fronteiriça já era mais espanhola que portuguesa, até a acusação de descaso local por parte de um Estado centralizado em Lisboa. O texto “ó heresia, há bandeiras espanholas às janelas de Valença de Minho” questiona aqueles que acusam os valencianos de antipatriotismo e não defensores da portugalidade. De uma maneira irônica, descreve o orgulho dos espanhóis nacionalistas e chauvinistas vendo sua bandeira nacional hasteada do outro lado da fronteira, numa outrora fortaleza portuguesa de defesa contra o inimigo espanhol.² Para alguns monarquistas críticos do regime republicano, especialmente nesse momento de crise econômica em Portugal, teria sido mais apropriado o hasteamento da bandeira azul e branco da monarquia portuguesa do que a famigerada bandeira espanhola.³

Os símbolos nacionais e os valores patrióticos e morais são acionados de diversas maneiras nos contextos de fronteiras nacionais. Para aqueles que estão mais distantes das localidades fronteiriças, um discurso recorrente é que algumas dessas cidades fronteiriças são “mais espanholas que portuguesas” por causa ora das influências de Espanha sobre os territórios fronteiriços ou/e o discurso de abandono do governo central. O Estado por-

² O felino: Ó heresia, há bandeiras espanholas às janelas de Valença de Minho. Disponível em: <http://ofelino.blogspot.com.br/2010/04/o-heresia-ha-bandeiras-espanholas-as.html>, acesso em 15 ago. 2012.

³ Crônicas da Universidade. Bandeiras espanholas hasteadas em Valença de Minho. Disponível em: <http://cronicasdauniversidade.blogspot.com.br/2010/04/bandeiras-espanholas-hasteadas-em.html>, acesso em 15 ago. 2012.

tuguês teria marginalizado esses locais e os perdido para área de influência de seu vizinho mais poderoso. Em outra localidade fronteiriça, mais ao sul da Península Ibérica, os símbolos, identidades e valores nacionais, além de tantas outras diferenciações sociais, foram acionados em torno da matança pública do touro na pequena cidade de Barrancos.

O povoado fronteiriço de Barrancos, com cerca de 2000 habitantes e “cercado de Andaluzia por quase todos os lados” (CAPUCHA, 2002), também se tornou um caso exemplar para abordar questões relacionadas às inusitadas situações de fronteiras. O fato de um canal de televisão ter transmitido uma tourada no contexto das festas da padroeira Nossa Senhora da Conceição em 1996 gerou toda uma polêmica nacional. Em Barrancos, os toureiros matam os touros na arena durante os dias de festa, assim como nas cidades espanholas. Portugal tem uma lei de 1928 que proíbe a matança pública do touro. Essa transmissão e outras coberturas jornalísticas possibilitaram um debate público sobre as questões jurídicas e identitárias dos portugueses. Várias outras fronteiras foram acionadas nesse debate nacional: as diferenças entre leis e costumes, a transição de uma sociedade rural para uma urbana, a polaridade civilização/progresso e barbárie/atraso, o problema da violência contra os animais e a questão da integração nacional. Além daqueles que defendiam o direito à diferença de uma comunidade tradicional que pratica seu ritual de morte do touro há mais de 200 anos. No tocante ao comparativo com a vizinha Espanha, a cidade de Barrancos foi vista, pela imprensa portuguesa, como mais espanhola que portuguesa e um lugar isolado de Portugal e mais integrado à Espanha. Entretanto, desde uma perspectiva local, como acentua Capucha (2002), a identificação nacional da população local não é construída em oposição à Espanha e ao espanhol. Trata-se de uma identidade fronteiriça, liminar, expressa na própria maneira de falar dos barranquinhos.

O distante e esquecido Barrancos se transformou no próximo e lembrado Barrancos, lugar de produção de múltiplos discursos de diversas matrizes ideológicas e partidárias. A margem da nação se transfigura em centro. Durante os meses de intensa cobertura midiática da “matança do touro”, o que estava em discussão não era simplesmente a singularidade de Barrancos, mas a nação portuguesa, seus valores, leis, símbolos. E essa “questão nacional”, derivada de um fato específico ocorrido na fronteira, era acionada no contraste com os valores, leis e símbolos da nação vizinha, a Espanha. Esses eventos e práticas singulares geralmente mobilizam falas que repõem a discussão da fronteira nacional entre os dois países com os discursos dos pertencimentos nacionais, do uso dos símbolos e da publicação de valores em disputa, mas também dos fluxos e transgressões de um lado para o outro da fronteira.

As “meninas do Brasil” e as “mães de Bragança” produziram diversas fronteiras morais e simbólicas na cidade de Bragança, Norte de Portu-

gal, além de ressignificar as fronteiras territoriais entre Portugal e Espanha com novos trajetos e transgressões. O fenômeno da prostituição de mulheres brasileiras nessa região alcançou uma publicização internacional depois que a revista *Time*, em outubro de 2003, publicou uma longa reportagem sobre as prostitutas brasileiras, as casas de prostituição e o inusitado manifesto das denominadas “mães de Bragança”. Nesse manifesto, entregue a diversas autoridades políticas, militares e religiosas, as mães de Bragança acusavam as brasileiras de estarem enfeitando e tomando seu marido.

Desde então gerou-se toda uma polêmica nacional sobre sexualidade, valores tradicionais e modernos, a legalização ou não da prostituição, a disseminação de preconceitos contra as mulheres brasileiras, vistas geralmente como prostitutas, bem como medidas punitivas aos donos das casas de alterne. Muitas dessas casas foram fechadas por ordem judicial e novas táticas foram mobilizadas para “cruzar a fronteira” dos valores morais, do desejo e da prática sexual com essas e outras prostitutas. Várias das prostitutas brasileiras geralmente passaram a usar de dois novos caminhos: alugar um apartamento em Bragança, dividido geralmente entre três ou quatro colegas, e transformar o apartamento em um espaço de exercício de sua profissão, já que elas tinham os celulares privados de seus principais clientes. O outro caminho foi ir para as pequenas cidades fronteiriças da vizinha Espanha, especialmente depois que abriram novas casas nesses municípios, como a casa *Play Boy* na cidade de Alcañices, em 2004.

Por sua vez, muitos dos homens portugueses reclamaram do fechamento desses estabelecimentos, assim com as pessoas que tinham negócios (taxistas, cabeleireiros etc.) que se beneficiavam direto e indiretamente com a expansão dos negócios em torno da prostituição. A transferência dessas casas para a Espanha também é um motivo para se lamentarem do predomínio deste país nessa região de fronteira, pois “os espanhóis até nisso nos comem”, conforme a fala de um dos frequentadores (PAIS, 2010, p.13). Entretanto, todas essas medidas morais e legais contra a prostituição das brasileiras não acabaram com essa prática. Somente se deslocou ou para o espaço privado dos apartamentos ou para o território do país vizinho. Os maridos portugueses continuam “pulando a cerca da fronteira” com a Espanha geralmente com a desculpa que vão “meter” gasolina mais barata nos postos das cidades espanholas. Tudo isso já gerou inclusive piadas cotidianas sobre o momento das desculpas dadas a sua esposa, como essa destacada por Machado Pais: “Maria: ó Manuel onde é que vais a estas horas? Manuel: Vou a Espanha meter (comprar) gasolina que é mais barato.” (PAIS, 2010, p. 13).

Nesse caso específico aparecem outras fronteiras nacionais e de gênero. O Brasil era em cena na fronteira atual entre Portugal e Espanha. São as mulheres brasileiras, que se prostituem nesse território fronteiriço entre as cidades portuguesas e espanholas, que movimentam e alteram di-

versas práticas econômicas, sociais, sexuais, morais e simbólicas nos imaginários fronteiriços e nacionais dos raianos, portugueses e espanhóis. Os amplos circuitos transatlânticos da migração e da prostituição de mulheres brasileiras adquirem expressões morais e territoriais específicas nessas cidades de fronteira, produzindo atrações, repulsões, estigmas, “feitiços”, “bruxarias”, protestos, manifestos e diversos enredos (PAIS, 2010). Esses circuitos da prostituição e seus percursos de regulação, controle, passagens e transgressões também acionam diversas esferas do poder local e nacional, dos mercados locais e internacionais que estabelecem diversas formas de proibição e de permissão. Esses agentes do governo local e central, os agenciadores dos mercados diretos e indiretos em torno da prostituição, as próprias prostitutas e os clientes negociam e modulam essas diversas fronteiras e produzem novos trajetos e circuitos territoriais entre as cidades fronteiriças.

O que se acentua aqui foram três situações de fronteiras ocorridas nos últimos anos em diferentes lugares da fronteira luso-espanhola. Trata-se de situações bastante noticiadas pela imprensa portuguesa e inclusive pelos meios de comunicação de massa de outros países. Essa divulgação midiática transformou esses eventos locais em nacionais ou internacionais. Essas diferentes situações, brevemente descritas, possibilitam acionar diferentes sentidos de fronteiras que ocorrem nesses distintos contextos espaciais e temporais. Mas também permitem pensar diferentes formas e escalas de tensões fronteiriças entre valores morais, símbolos nacionais, entre as dimensões do poder local, nacional e internacional articulados por processos midiáticos de produção de novas fronteiras.

As situações fronteiriças também possibilitam problematizar as formas mais rígidas e estáticas de conceituar a fronteira, especialmente aquelas relacionadas às tipologias de fronteiras. Mais do que estabelecer diferenças precisas entre limite e fronteira ou entre fronteiras políticas, jurídicas, econômicas, sociais, culturais e simbólicas, o interesse aqui é pensar na dinâmica de múltiplas fronteiras que são acionadas nessas situações específicas por diferentes atores sociais e políticos. No caso de Valença de Minho/Tuí, o acesso aos direitos sociais é permitido para além dos limites políticos dos Estados nacionais. Mas, ao mesmo tempo, o uso da bandeira espanhola em território português foi visto, por setores nacionalistas de Portugal, com uma afronta à identidade nacional portuguesa e uma entrega à nação vizinha. Nos outros exemplos também há entrelaçamentos e tensões de diversas ordens entre situações sociais, econômicas, culturais, morais e simbólicas, seja no caso da matança do touro em Barrancos, seja a prostituição de predominância brasileira em Bragança.

Dessa forma, mais do que produção de novas classificações tipológicas, o que se torna relevante é perceber que se pode pensar a pluralidade de sentidos de uma fronteira específica com base na dinâmica nos últimos anos nessa região da raia e das assimetrias de poder reais e

simbólicas entre Portugal e Espanha. Além da dimensão semiótica dessas situações permeadas por notícias jornalísticas, imagens, discursos, manifestos e símbolos nacionais. Todas essas situações também indicam as tensões, ambivalências e paradoxos que atravessam as fronteiras: determinada cidade fronteiriça ser considerada pertencente ou não à cultura e identidade portuguesas; travessias de direitos sociais, transgressões e novas barreiras no uso do símbolo da bandeira nacional; proibições das casas de prostituição, aberturas e permissões nos ambientes dos apartamentos privados e nos deslocamentos para o território espanhol; proibição legal da matança do touro e permissão tradicional e cultural de uma prática social e simbólica bastante antiga.

As situações descritas também podem ser pensadas com base na noção da fronteira como recurso, recurso não somente relacionado à esfera econômica, mas a ideia de um mecanismo (econômico, político, social, simbólico) acionado pelas populações fronteiriças por viverem na/da fronteira. Viver nos interstícios de lógicas estatais distintas, em territórios vizinhos e separados por soberanias territoriais diferentes, por diferenças e aproximações culturais e por construções simbólicas relacionadas aos símbolos nacionais e pelas formas de identificações locais e nacionais das populações que vivem nesses espaços fronteiriços. O recurso aqui entendido como as diversas táticas, astúcias que são acionadas pelas populações locais e as estratégias de diferentes esferas do poder nas regiões fronteiriças (CERTEAU, 2008). As diferenças de preços de alimentos, bebidas, roupas, gasolina levam a que os fluxos se intensifiquem de um lado a outro da fronteira (VALCUENDE, 2008; VALCUENDE; CARDÍA, 2009). Além de um recurso econômico, a fronteira é um espaço de geração de estratégias e táticas de exercício da cidadania das populações que vivem entre dois Estados nacionais. Nessas zonas fronteiriças, há geralmente migrações fronteiriças, assim como serviços de saúde e educação que são mais presentes de um lado que do outro do limite internacional e atraem as populações do país vizinho.

Esse mecanismo de diferenciação fronteiriça é também de ordem simbólica e comunicacional. Os simbólicos nacionais (bandeiras e hinos) são acionados de diferentes maneiras. Por exemplo, o hasteamento da bandeira espanhola na cidade portuguesa e o diferencial de preço da gasolina entre um lado e outro da fronteira que se constitui numa forma de justificativa dos maridos portugueses para irem até a Espanha “meter” gasolina em seus carros.

Protestos por direitos sociais, polêmicas em torno da matança do touro e da prostituição brasileira são rituais e crenças importantes para pensar os processos de construção de fronteiras nessas pequenas localidades fronteiriças. Há múltiplas fronteiras nesses lugares vistos oficialmente como espaços de efetivação do “fim ou eliminação das fronteiras” no contexto da União Europeia. Estudar essas fronteiras visíveis e invisíveis é abrir um

horizonte heterogêneo de situações fronteiriças, tendo clareza de alguns dilemas e desafios enfrentados pelos pesquisadores que investigam as fronteiras nacionais no contexto contemporâneo.

DILEMAS DOS ESTUDOS DE FRONTEIRA

Gostaria de encerrar esse ensaio apresentando algumas situações metodológicas nos estudos de fronteiras, especialmente alguns dilemas teóricos, empíricos e normativos. Nessa discussão, de uma maneira breve, pontuam-se: a) os dilemas entre as novas discussões sobre as relações entre cultura e território em um mundo de intensificação dos fluxos de pessoas e de culturas e os limites da linguagem que continuam nos pregando armadilhas que expressam fixidez, unidade, homogeneidade; b) a tensão entre a interpretação da realidade como está sendo e os nossos desejos políticos em nome da integração, do nacionalismo ou outra crença política; c) as fronteiras territoriais e as fronteiras que estão em todos os lugares.

As noções de cultura e sociedade se constituíram no mundo moderno como algo espacializado e unificado. Essas sociedades e culturas podiam ser localizadas nos mapas das nações. São extremamente usuais as expressões cultura e sociedade portuguesa, sociedade e cultura espanhola e podemos apontar no mapa onde ficam essas sociedades. Entretanto, uma perspectiva direcionada para as migrações, deslocamentos humanos e para as próprias zonas fronteiriças entre as nações, indica situações bem mais complexas, híbridas e de intensos fluxos. Ou seja, o mundo contemporâneo está atravessado por processos de desterritorialização e reterritorialização que constroem outros arranjos entre o espaço, a cultura e as formas de identificação coletivas. Essa dinâmica nos fluxos culturais e nos processos de identificação muitas vezes não é bem apreendida por nossos instrumentos teóricos, uma vez que se continua usando um conjunto de termos herdeiros da relação isonômica entre cultura, sociedade, identidade e território.

Outro dilema diz respeito à tensão entre a compreensão das realidades fronteiriças e os desejos, projetos e ideologias políticas dos pesquisadores. Acredita-se ser importante perceber as ambivalências de nossa própria condição de intelectuais fronteiriços. Nesse sentido, acredita-se que as interpretações unilaterais sobre o “fim das fronteiras” ou sobre a “permanência das fronteiras” devem ser superadas em nome das abordagens que priorizam a tensão permanente entre os fluxos, aberturas e formas de integração e os novos controles fronteiriços. É importante que uma investigação empírica conduzida por um investigador militante das atuais políticas de integração não deixe de ver também todas as contradições, conflitos e impasses dos reais processos de integração. Da mesma forma, os críticos dos processos de integração podem ser capazes de perceber também as mudanças que estão sendo gestadas nessas contraditórias realidades das políticas de integração fronteiriça.

Mas isso não significa que se está resignado e somente se dedique a compreender a realidade tal qual ela está sendo, como se essa fosse a única forma de vermos de uma maneira mais complexa e realista o cenário fronteiriço atual. Os estudos fronteiriços estão pautados em fortes crenças em um mundo mais igual e justo, na superação e eliminação de tantas fronteiras físicas e simbólicas. Entretanto, sabe-se que nas cinzas e ruínas das fronteiras derrubadas, outras serão erguidas, dando continuidade o paradoxal movimento da porta, aberturas e fechamentos que indicam o processo permanente da própria condição humana e suas armadilhas, seus labirintos e superações individuais e coletivas. A própria crença política de que é possível acabar com todas as fronteiras nacionais e construir um “mundo sem fronteiras”, sem divisões, passaportes ou restrições de direitos aos limites dos Estados nacionais pode ser bastante paradoxal. Como alerta Balibar, “Um ‘mundo’ dessa índole correria o risco de não ser mais que a arena de dominação selvagem das potências privadas do capital, das comunicações, acaso do armamento...” (BALIBAR, 2005, p. 85).

Por último, é preciso destacar a polissemia de sentidos que a palavra fronteira tem adquirido nas últimas décadas. Essa diversidade de usos do termo fronteira possibilitou ampliar nossas abordagens dos territórios fronteiriços para as fronteiras que se encontram em todos os lugares. A impressão que se tem nesse mundo contemporâneo de intensos fluxos é que as fronteiras nacionais estão em toda parte e que os estudiosos dos territórios fronteiriços não podem se restringir as margens territoriais dos Estados nacionais quando refletimos sobre as fronteiras nacionais. As fronteiras estatais e nacionais podem ser pensadas em diferentes combinações e disjunções, especialmente diante da reterritorialização de comunidades de imigrantes em múltiplos lugares da cena urbana contemporânea e em nossas interações cotidianas com estrangeiros.

A dilatação e elasticidade das fronteiras múltiplas têm produzido uma espécie de inflação do uso do conceito de fronteira para mais diversas situações de alteridade, diferença e oposição política e simbólica. O aumento do uso desse termo pode, por um lado, ampliar e enriquecer a área de estudos fronteiriços ao englobar inúmeros outros objetos e problemas de pesquisa, mas, por outro lado, essa inflação indica o paradoxo de um conceito que começa a dar conta de explicar tudo pode se tornar justamente em algo que já não tem o poder de explicar quase nada, ou seja, os limites heurísticos de uso do conceito pode se tornar bastante problemático.

Entretanto, ainda se acredita nesse movimento paradoxal de ampliação de novos sentidos e de novas pesquisas comparativas em diferentes situações de fronteiras nacionais, étnicas e migratórias. As fronteiras transgridem e transbordam sentidos que não podem ser circunscritos nos limites do conceito. As fronteiras da palavra escrita, nos fragmentos dos territórios conhecidos, é o meu limite de apreensão dos sentidos de fronteiras aqui

esboçados. Pesquisar as fronteiras é estar permanentemente na fronteira entre o conhecido e o desconhecido, o saber e a ignorância, a palavra e o silêncio de sentidos ainda não apreendidos. Fronteiras do silêncio, do estalido e do ressoar de outras fontes de pesquisa e inspiração.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, José Lindomar C. *A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios entre o Brasil e o Paraguai*. São Paulo: Annablume, 2010.
- AMANTE, Maria de Fátima. *Fronteira e identidade: construção e representação identitárias na raia luso-espanhola*. Lisboa: ISCSP, 2007.
- BALIBAR, Étienne. *Violencias, identidades y civilidad*. Barcelona: Gedisa, 2005.
- BHABHA, Homi. *Nación y narración*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2010.
- BOURDIEU, Pierre. Espíritos de Estado: gênese e estrutura do campo burocrático. *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Campinas: Papirus, 1997.
- CLANCLINI, Nestor. *Culturas híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CAPUCHA, Luis. Barrancos na Ribalta, ou a metáfora de um país em mudança. *Sociologia, problemas e práticas*, Lisboa, n. 39, 2 p. 9-38, 2002.
- CAROU, Heriberto Cairo; GODINHO, Paula; PEREIRO, Xerardo (Coords.). *Portugal e Espanha: entre discursos de centro e práticas de fronteiras*. Lisboa: Colibri, 2009.
- CAROU, Heriberto Cairo *et alii*. *El discurso geopolítico de las fronteras en la construcción socio-política de las identidades nacionales: el caso de la frontera luso-española em los siglos XIX y XX*, 2008. Disponible en: [HTTP://www3.unileon.es/proyectos/wwwulefhp/index.htm](http://www3.unileon.es/proyectos/wwwulefhp/index.htm). Acesso em: 11 fev. 2011.
- CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- COSTA, Gustavo Villela. “Fechar a fronteira”: rituais, estratégias políticas e mobilização social em Arroyo Concepción/Puerto Quijarro – Bolívia. COSTA, Edgar Aparecido; COSTA, Gustavo Villela; OLIVEIRA, Marco Aurélio de. *Fronteiras em foco*. Campo Grande: UFMS, 2011.
- CUNHA, Luis. Dinâmicas e processos de transformação econômica: do contrabando à indústria de torrefacção de café em Campo Maior. *Etnográfica*, vol X (2), p. 251-262, 2006.
- DAS, Veena; POOLE, Deborah. El estado y sus margenes. *Etnografias comparadas. Cuadernos de Antropología social*. Buenos Aires, n. 27, p. 19-52, ene/jun de 2008.
- FOUCHER, Michel. *Obsessão por fronteiras*. São Paulo: Radical Livros, 2009.
- FREIRE, Dulce; ROVISCO, Eduarda; FONSECA, Inês (Coords.). *Contrabando na fronteira luso-espanhola: práticas, memórias e patrimônios*. Lisboa: Nelson de Matos, 2009.
- GODINHO, Paula. “Desde a idade de seis anos, fui muito contrabandista”. O concelho de Chaves e a comarca de Verín, entre velhos cotidianos e novas modalidades emblemáticas. In: FREIRE, Dulce; ROVISCO, Eduarda; FONSECA, Inês (Coords.). *Contrabando na fronteira luso-espanhola: práticas, memórias e patrimônios*. Lisboa: Nelson de Matos, 2009.
- HANNERZ, Ulf. Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional. *Mana*, 3 (1), p. 7-39, 1997.

KAVANAGH, William. Symbolic boundaries and “real” borders on the Portuguese-Spanish frontier. *Border Approaches: Anthropological Perspectives on Frontiers*. Eds. Hastings Donnan and Thomas M. Wilson. Lanham: University Press of America / Anthropological Association of Ireland, 1994, p. 75-87.

MACHADO, Lia Osorio. Limites, fronteiras, redes. STROHAECKER, T. M *et alii* (Orgs.). *Fronteiras e espaço global*. Porto Alegre: AGB, 1998, p. 41-49.

MEDINA, Eusebio García. *El contrabando en la raya de Portugal*. Cáceres, Extremadura: Instituto Cultural El Brocense, 2003.

_____. Orígenes, características y transformaciones del contrabando tradicional en la frontera de Extremadura con Portugal. In: FREIRE, Dulce; ROVISCO, Eduarda; FONSECA, Inês (coord.). *Contrabando na fronteira luso-espanhola: práticas, memórias e patrimônios*. Lisboa: Nelson de Matos, 2009.

MOTA, Sara dos Santos. *Na língua e sobre a língua: o portunhol e sua reterritorialização pela escrita*. Qualificação da tese de doutorado. Doutorado em linguística, Universidade Federal de Santa Maria, 2012.

NEIBURG, Federico. O naciocentrismo das Ciências Sociais e as formas de conceituar a violência política e os processos de politização da vida social. NEIBURG, Federico *et alii* (Orgs.). *Dossiê Norbert Elias*. São Paulo: Edusp, 1999.

PAIS, José Machado. “Mães de Bragança” e feitiços: enredos luso-brasileiros em torno da sexualidade. *Revista de Ciências Sociais*, Fortaleza, v. 41, n.2, p. 9-23, jul./dez. 2010.

RAFFESTIN, Claude. Elements pour une théorie de la frontière. *Diogène*, 1986, vol. 34, 134, p. 3-21.

RÍO, José M. V. del. *Fronteras, territorios e identificaciones colectivas*. Sevilla: Blas Infante, 1998.

_____. Fronteras y limites: el caso de la Triple Frontera Brasil, Perú y Bolivia, *Ponto-e-vírgula*, n.3, 2008.

RÍO, José M. V. del; CARDÍA, Laís. Etnografia das fronteiras políticas e sociais na Amazonia ocidental. *Scripta Nova*, n. 13, jun. 2009.

SAHLINS, Peter. *Boundaries: the making of France and Spain in the Pyrenees*. United States: University of California Press, 1989.

SIMMEL, Georg. Puente y puerta. *El individuo y la libertad*. Barcelona: Peninsula, 2001.

SIMÕES, Dulce. O contrabando em Barrancos: memórias de um tempo de guerra. In: FREIRE, Dulce; ROVISCO, Eduarda; FONSECA, Inês (Coords.). *Contrabando na fronteira luso-espanhola: práticas, memórias e patrimônios*. Lisboa: Nelson de Matos, 2009a.

_____. Ambiguidades e ambivalências na fronteira luso-espanhola: o caso dos refugiados da Guerra Civil de Espanha em Barrancos. In: CAROU, Heriberto Cairo; GODINHO, Paula; PEREIRO, Xerardo (Coords.). *Portugal e Espanha: entre discursos de centro e práticas de fronteiras*. Lisboa: Edições Colibri, 2009b.

_____. Os refugiados da Guerra Civil de Espanha em Barrancos: a acção e o tempo do acontecimento. www.dibadajoz.es/publicaciones/reex/rcex_3_2007.pdf, 2007.

SILVA, Luis. Identidade nacional: práticas e representações num contexto de fronteira. *Dissertação de mestrado em Antropologia: Patrimônios e Identidades*. Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Departamento de Antropologia, Universidade de Lisboa, 1999.